

A ORIENTAÇÃO TEMPORAL E O PENSAMENTO HISTÓRICO DOS JOVENS-ALUNOS

Lidiane Camila Lourençato¹

O presente artigo trás uma parte da discussão presente na dissertação de mestrado denominada de “A consciência histórica dos jovens-alunos do ensino médio: uma investigação com a metodologia da educação histórica” realizada no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina e tem a pretensão de analisar como depois de onze anos de escola, os jovens alunos concebem a temporalidade em relação com a História e com sua vida prática.

A pesquisa que deu origem a este artigo se configura como uma pesquisa qualitativa, onde escolhemos como métodos para realizá-la a observação direta e a aplicação de um instrumento de pesquisa composto por questões dissertativas. Esta observação se faz necessária para o conhecimento do campo de investigação e dos sujeitos que participaram da mesma. Devido à necessidade de fazer um recorte, neste trabalho faremos uso da análise de algumas questões que constavam no instrumento de pesquisa e utilizaremos as observações para auxiliar nesta análise.

Este trabalho situa-se no campo denominado Educação Histórica que por sua vez tem como uma de suas preocupações de pesquisa buscar elementos para a compreensão da consciência histórica, em especial de crianças e jovens, tendo em conta que o campo principal de investigação é a educação formal e informal.

A Educação Histórica compreende que a História é uma ciência que não se limita a considerar a existência de uma só explicação ou narrativa sobre o passado, mas que possui diversas perspectivas, entendendo que há uma objetividade na produção do conhecimento histórico. Desta forma, a história precisa ser conhecida e interpretada, tendo como base as evidências do passado e o desenvolvimento da ciência e de suas técnicas. Neste

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina e doutoranda em Educação na Universidade Federal do Paraná

sentido, a Educação Histórica atribui uma utilidade e um sentido social ao conhecimento histórico, como por exemplo, a formação da consciência histórica.

Justificando a relevância deste estudo, temos as proposições das atuais Diretrizes Curriculares da Educação Básica, elaborada pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná - Brasil, concebendo que a finalidade da História:

[...] é a busca da superação das carências humanas fundamentadas por meio de um conhecimento constituído por interpretações históricas. Essas interpretações são compostas por teorias que diagnosticam as necessidades dos sujeitos históricos e propõem ações no presente e projetos de futuro. (CURITIBA, 2008, p.47)

O ensino de História, segundo as diretrizes, tem por objetivo a formação de um pensamento histórico a partir da produção do conhecimento, sendo este provisório, configurado pela consciência histórica dos sujeitos.

Para Jörn Rüsen (2001), pesquisador que teoricamente sustenta as Diretrizes e esta pesquisa, a História serve para auxiliar a formação da consciência histórica, sendo esta “um pré-requisito para a orientação em uma situação presente que demanda ação”, ou seja, a consciência histórica funciona como um modo de orientação nas situações reais da vida presente, ajudando-nos a compreender a realidade passada para entender o presente.

A formação da consciência histórica funciona como um modo de orientação nas situações cotidianas. Neste sentido, Schmidt e Garcia (2005) afirmam que esta

[...] tem uma ‘função prática’ de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica. (SCHMIDT; GARCIA, 2005. p.301)

Para Rüsen (2001), o conhecimento histórico, sendo um processo “genérico e elementar do pensamento humano”, é o resultado da ciência da história e esta, por sua vez, é uma articulação da consciência histórica. Para o autor, a consciência histórica é a realidade em que se pode entender o que é a História e porque ela é tão necessária. Esta é vista como vital para a vida humana, pois é a “essência das operações mentais” com as quais os homens interpretam as experiências temporais de seu mundo para que possam orientar sua vida

prática. Desta forma, o homem organiza as intenções de seu agir de maneira que elas não sejam levadas ao absurdo no decurso do tempo. A consciência histórica, vista como um guia do homem no tempo serve para tentar com que este, diante das transformações de seu mundo, não se perca em meio às mudanças. Ele afirma que:

A consciência histórica está fundada nessa ambivalência antropológica: o homem só pode viver no mundo, isto é, só consegue relacionar-se com a natureza, com os demais homens e consigo mesmo se não tomar o mundo e a si mesmo como dados puros, mas sim interpretá-los em função das intenções de sua ação e paixão, em que se representa algo que não são. (RÜSEN, 2001, p. 57)

Para Rüsen (2010), a consciência histórica funciona como modo específico de orientação em situações reais do agora, pois tem como função ajudar-nos a compreender a realidade presente. Ele afirma que a possibilidade de narrar a experiência temporal, ou seja, a narração da consciência histórica é um fator constitutivo da identidade humana, pois sem ela não é possível uma orientação para a vida prática e também define que “a aprendizagem da história é um processo de digestão de experiências do tempo em formas de competências narrativas”. (RÜSEN, 2010, p.74)

O autor ainda afirma que a consciência histórica é o local em que o passado fala e ele só realiza este ato quando é questionado. Logo, o que faz com que o passado seja questionado são as carências de orientação que a vida prática presente impõe. Esta consciência histórica só pode ser formada através de uma narrativa histórica, onde ele afirma que:

Narrativa (histórica) designa-se o resultado intelectual mediante o qual e no qual a consciência histórica se forma e, por conseguinte, fundamenta decisivamente todo o pensamento-histórico e todo conhecimento histórico científico. (RÜSEN, 2001, p. 61)

Porém, a narrativa nem sempre é histórica, ela apenas adquire este sentido quando o passado é interpretado com relação à experiência e quando esta passa a ter uma função, ou seja, é uma interpretação do passado e serve para torná-la presente. O passado, através da narrativa, dá sentido ao presente, o que quer dizer que motiva, interpreta, orienta o

presente, de forma que a relação do homem com o mundo possa ser pensada na perspectiva do tempo. (RÜSEN, 2001, p.155-156)

Para a Educação Histórica, a temporalidade tem um papel importante em seus estudos, e está muito presente em suas pesquisas. Na visão deste campo da educação, o passado tem uma função prática para o presente e para o futuro, o que faz com que o tempo perca o sentido linear, progressivo, além de que a consciência histórica, conceito bastante importante e que já discutimos, é compreendida como formadora de sentido e orientação temporal. Como vimos até o momento, a consciência histórica está ligada à forma em que utilizamos a experiência temporal em nossas vidas, tornando o conceito de tempo importante para a compreensão da consciência histórica.

Partindo da concepção da Educação Histórica, onde a formação da consciência histórica não é apenas construída pela educação formal, neste trabalho discutiremos acerca de dois conceitos, jovens e alunos, pois entendemos que esta condição influencia a formação da consciência histórica mesmo no âmbito da escola.

O conceito de jovem pode ser entendido de diversas formas, pois a ideia de jovem é construída social e culturalmente, portanto, muda conforme o contexto histórico, social, econômico e cultural. Assim, não buscamos uma única definição para este conceito.

Uma definição que podemos encontrar pode remeter a um período de vida dos sujeitos que se define por características biológicas e culturais. Nessa perspectiva, o jovem, muitas vezes, rejeita a condição de adulto e suas rejeições expressam uma não aceitação de valores rígidos, indicando novas expectativas.

Para Castex (2008), o conceito de juventude pode ser entendido como uma categoria sociológica que mostra o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade. Sendo esta uma fase da vida marcada por instabilidade, associada a determinados "problemas sociais".

Porém, Dayrell (2003) ao analisar a forma como estes jovens pensam a sua condição de juventude, compreende que estas ideias podem ser desconstruídas, pois nem sempre a juventude é vista por eles como uma etapa de transição, mas sim como o presente, momento a ser vivido e pensado e, muitas vezes, se destacam em atividades culturais por ser a opção que lhes é dada. Estes não veem a passagem para a juventude como um momento de crise, porém têm medo da vida adulta, pois nesta fase terão que trabalhar, sustentar família, o que tiraria um pouco a liberdade que eles têm no presente.

Como afirmamos acima, estes jovens recebem mais uma categorização que é de alunos. A sociedade, muitas vezes, impondo mais esta condição a estes sujeitos acaba influenciando o seu modo de ser e de pensar.

Sacristán (2005, p.17) vê que em salas de aula encontramos “seres reais com um status em processo de mudança, que estão enraizados em contextos concretos, que têm suas próprias aspirações e que, em muitos casos, não se acomodam à ideia que os adultos haviam feito deles”. Para o autor o mundo mudou, os alunos também, portanto devemos mudar nossas representações do mundo e dos alunos. O grande problema, segundo ele, de falta de simpatia dos alunos com a escola está na forma em que os conteúdos e a cultura escolar estão compostos.

Edwards (1997), pensando os alunos em situação escolar, considera-os como sujeitos sociais, procurando construir "o sujeito educativo" no que ele é e não no que “deve ser”, pois

[...] os sujeitos vivem e se reproduzem mediante um conjunto de atividades cotidianas que são também o fundamento da reprodução da sociedade. [...] A vida se desenvolve para o sujeito e seu espaço imediato. Isso não quer dizer, no entanto, que se refira apenas ao que está fisicamente à mão [...] A relação com as realidades não-imediatas se torna possível a partir do cotidiano, ou seja, o sujeito tem acesso ao não-cotidiano a partir do cotidiano. E é no dia-a-dia da escola, e mais concretamente em classe, que o sujeito educativo se expressa em todas as suas dimensões. (EDWARDS, 1997, p.13).

Elegemos como sujeitos desta pesquisa os jovens-alunos do terceiro ano do Ensino Médio de duas escolas estaduais de Londrina, que denominaremos de escola “A” e

escola “B”. Apesar de não entendermos a escola como única formadora, acreditamos que ela consiste em formação progressiva de alguns conceitos importantes para a formação da consciência histórica como, por exemplo, tempo, evidência, documento histórico e que, estar no último ano, nos daria uma representatividade de como a escola contribui na formação destes conceitos.

Por atribuir grande importância à discussão de que categorias os sujeitos desta pesquisa estão inseridos, como já mencionamos, optamos por não apenas olhar as categorias jovens e alunos pela perspectiva teórica, ou seja, trabalhar apenas com concepções de autores que procuram pensar estes conceitos. Então, em nosso instrumento de pesquisa indagamos aos jovens-alunos o que era ser jovem e o que era ser aluno em suas opiniões.

Utilizamos como método de análise do instrumento de pesquisa, o agrupamento de respostas semelhantes, formando a partir das respostas algumas categorias que ficaram em torno de entender o conceito de jovem em uma perspectiva do presente ou do futuro.

Ao realizar as análises, não encontramos diferenças consideráveis nas respostas dos jovens-alunos das duas escolas, portanto, neste artigo, trabalharemos sem fazer a diferenciação das duas escolas.

Observamos nas respostas dadas pelos jovens-alunos uma maior representação de que ser jovem estava ligado a aproveitar o momento, curtir a vida, ser feliz, ou seja, preocupação com o presente. Esta concepção se aproxima da que Dayrell (2003) relatou ser a ideia dos jovens, pois a juventude não é um momento de transição e sim o presente, o qual deve ser vivido, aproveitado, sem ter grandes preocupações com o futuro. Como nas respostas transcritas abaixo:

“É ser feliz, é poder fazer determinadas coisas quando quisermos.”

“Ser feliz, curtir a vida, correr atrás dos sonhos, buscar o que você gosta, ser quem eu sou e fazer o que quero fazer.”

“É curtir a vida tranquilamente sem pensar em problemas.”²

Outro grande número de respostas encontradas foi a ligação feita por estes jovens-alunos entre a juventude e a liberdade. Nesta fase eles deixam de ser vistos como crianças, seus pais e a sociedade começam a impor responsabilidades e assim estes ganham mais confiança. Esta ação dos adultos de começarem a dar credibilidade e liberdade para os jovens se configura como uma preparação para o futuro, na qual estes vão ganhando mais espaço de ação, apesar de serem vigiados e tutorados pelos adultos. As argumentações que obtivemos a este respeito foram:

“Ser jovem é ser livre.”

“Ser jovem é ter liberdade, e não ter tantas responsabilidades”

Em outras respostas, a ideia de preparação para o futuro, ou seja, uma preocupação com o futuro ficou mais clara, onde os jovens-alunos associaram diretamente a juventude como uma fase de preparação para o futuro, como uma época de aprendizagem, de ser uma pessoa moderna. Esta fase também é vista como o momento de realizar as ações que garantirão um futuro do jeito que eles planejam.

“Estar disposto a aprender, correr atrás dos objetivos, planejar, sonhar, estudar, conquistar e aproveitar todas as oportunidades.”

“É pensar no futuro, para construir uma vida estável.”

“É a fase mais complicada, porquê é quando você está deixando de ser criança e virando adulto, que tem que tomar decisões difíceis para definir seu futuro “responsabilidade”

Outra questão que levantamos no instrumento de pesquisa diz respeito ao entendimento dos jovens sobre a condição de aluno. Nesta questão, alguns jovens-alunos associaram ser aluno à escola, à obrigação de frequentá-la, de seguir ordens, fazer as tarefas pedidas, como podemos observar nas respostas:

“Sentar em uma cadeira e ouvir o professor falar.”

“Ficar sentado na cadeira do colégio até a bunda doer, ser responsável pelas atividades, fazer tarefas, tirar notas boas etc.”

² Optamos por transcrever as respostas dos jovens-alunos da mesma forma que eles escreveram, sem realizar correções.

Outros, por sua vez, ligam a ideia de aluno com a vida futura, a obrigação de estudar para garantir um futuro melhor, se aperfeiçoar. Muitas vezes, essa ideia não está associada apenas à aprendizagem da escola, mas em todos os lugares. Esta concepção está ligada à ideia de futuro.

“É ser o que você mais deseja, investir no futuro e construir pessoas que lutam pelo Brasil melhor e viver conforme almejamos.”

“É aquele que pode aprender, para no futuro ter uma profissão, etc”

“Ser aluno é querer a cada dia traçar novos caminhos, adquirir conhecimentos e ser alguém.”

“Ser aluno é uma fase da vida onde você faz escolhas de que você vai querer se formar futuramente.”

Para alguns, ser aluno é aprender, e esta aprendizagem não está restrita a um lugar ou um momento, pois ela ocorre a todo tempo, como nas respostas abaixo:

“Enquanto você está aprendendo, é considerado aluno, não somente na escola, mas em questão da vida mesmo.”

“ter oportunidade de conhecer coisas novas todos os dias.”

Foi possível através das respostas dos sujeitos desta pesquisa perceber como eles próprios veem sua condição de existir atual ligada à ideia de ser jovem e aluno. Ao trabalhar com estes conceitos, conhecemos um pouco melhor a maneira como vivem, a relação que estes estabelecem com a escola e com os sujeitos que a formam.

Notamos também que suas ideias a respeito de ser jovem e aluno estão bastante ligadas à concepção de presente e futuro, onde muitos veem sua condição como uma forma de se preparar para o futuro que os espera, ou seja, a condição de jovem e de aluno na maioria das respostas é uma condição transitória, de passagem para outra fase. Os jovens entendem sua condição como tempo da aprendizagem para a vida futura, o que pode ser aproveitado pelos professores para pensar metodologias de aprendizagens para o Ensino Médio.

Uma questão presente no instrumento de coleta de narrativas desta pesquisa versava a respeito de como eles definem o que é História e se eles consideram importante estudá-la. Após fazer uma leitura prévia das narrativas elaboradas pelos alunos, optamos por

analisar as questões através do conceito de temporalidade, pois sentimos que esta ideia permeava fortemente as respostas dos alunos.

Notamos que a maioria das respostas destes alunos considerava a História como algo que retratava os acontecimentos do passado e que seria importante para conhecermos o passado. Nestas respostas os alunos não citaram em nenhum momento uma relação entre o passado com outras temporalidades, como o presente ou com o futuro, momento de perspectiva. Esta concepção de tempo está mais ligada ao que chamamos de tempo vivido, ou seja, é o tempo biológico, tempo da experiência individual. Segundo Bittencourt (2011, p.200), “o tempo vivido é também o tempo biológico que se manifesta nas etapas da vida da infância, adolescência, idade adulta e velhice”. Portanto, para esses alunos, é passado quando é anterior ao tempo vivido por eles. Alguns exemplos deste tipo de resposta podem ser abaixo:

“História é uma retrospectiva do passado, de tudo que aconteceu. E é muito importante o estudo de história para que possamos entender coisas que foram importantes, mas que não tivemos chance de viver.”

“História nos mostra a vida antes de existirmos, como era a cultura e os modos antepassados, os acontecimentos. É importante saber a história de antes para entender nossa história.”

“São relatos importantes que aconteceram com o passar dos anos. Acho importante sim, pois aprendemos mais sobre nossos antepassados.”

Outras respostas se referiram à utilidade da História para o presente e para o futuro. Esta concepção dos alunos mostra que a História não serve apenas para entender o passado, mas que, através do entendimento deste, também podemos compreender o presente e projetar o futuro. Esta concepção se aproxima da utilizada e defendida pela Educação Histórica e pelo teórico Rüsen (2010), o qual declara:

[...] A consciência histórica mistura ‘ser’ e ‘dever’ em uma narração significativa que refere acontecimentos passados com o objetivo de fazer inteligível o presente, e conferir uma perspectiva futura a essa atividade atual. (RÜSEN, 2010, p.57)

Este também é um dos objetivos dados à História pelas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008), que já discutimos anteriormente, onde afirma que:

A finalidade da História é a busca da superação das carências humanas fundamentadas por meio de um conhecimento constituído por interpretações históricas. Essas interpretações são compostas por teorias que diagnosticam as necessidades dos sujeitos históricos e propõem ações no presente e projetos de futuro. [...] (CURITIBA, 2008, p.47)

A História, neste âmbito, serve como orientadora do presente, onde através das inquietações do presente relembremos e reinterpretamos o passado. Através desta reinterpretação podemos compreender o presente e projetar o futuro. Esta visão é ilustrada nas seguintes narrativas:

“História é a ciência que estuda o passado e o relaciona. Acho, pois vendo/estudando o passado conseguimos entender o “porque” das coisas, compreendemos melhor o presente e podemos imaginar o futuro.”

“Através dela podemos entender o passado e ver como as coisas mudam, e assim se preparar melhor p/ o futuro.”

“História é algo que te ajuda a conhecer o passado, entender o presente e mudar certos pontos do futuro. Sim pelo fato de conhecermos o que aconteceu.”

As narrativas acima mostram que os alunos consideram a importância do passado para o presente como também para o futuro, pois através do conhecimento das duas temporalidades podemos estabelecer uma perspectiva do futuro.

Nas narrativas destes jovens alunos chamou nossa atenção a grande quantidade de vezes que a palavra futuro aparece na concepção de História. É uma forma de ver a História em movimento e demonstra que algo está sendo feito de forma que os alunos percebam o movimento do passado em direção ao futuro.

Após estabelecermos as análises do instrumento de pesquisa, percebemos que as ideias não se apresentam de forma isolada uma da outra. A intenção inicial deste trabalho era caracterizar os sujeitos que participariam desta pesquisa e posteriormente analisar a forma que concebem a História, suas consciências históricas e qual a relação que estes estabelecem com a evidência histórica. Apesar de considerarmos, desde o início, que a condição destes sujeitos, o meio em que vivem interferem na consciência histórica e na forma de conceber e lidar com a temporalidade, percebemos uma aproximação das ideias que estes têm de si e da forma que eles pensam a História.

Esta visão ficou mais clara quando analisamos as respostas que estes deram para o que achavam ser jovem e o que era História em sua opinião. Para os jovens-alunos desta pesquisa, a ideia de juventude está relacionada a uma noção de temporalidade, pois alguns afirmam que ser jovem está ligado ao seu tempo presente, aproveitar a vida, porém muitos estabelecem um laço entre ser jovem com o futuro. Esta ideia de futuro ganha um significado de horizonte de expectativa, pois o tempo presente e a juventude devem garantir o futuro, portanto ser jovem na opinião destes é “se preparar para o futuro”, “aprender”, “buscar realizar seus objetivos”, “pensar no futuro para ter uma vida estável”. Esta preocupação com o tempo também se mostrou presente nas respostas que estes deram para como definiriam o que é História e se é importante estudá-la. Tivemos várias respostas, como já discutimos acima, dizendo que a História era importante para entender o presente, e que é através dos acontecimentos do passado que o entendemos, ou seja, é através do questionamento do presente em direção ao passado que podemos entender o presente. Porém, tivemos algumas respostas em que os alunos também atribuíram importância da História ao futuro, pois seria através do conhecimento do passado e o entendimento do presente que poderíamos planejar o futuro, ou seja, mais uma vez o futuro é visto como um horizonte de expectativas. Rüsen (2010) redige o seguinte argumento para relatar sobre a orientação temporal que a História proporciona:

[...] O histórico como orientação temporal une o passado ao presente de tal forma que confere uma perspectiva futura à realidade atual. Isto implica que a referência ao tempo futuro está contida na interpretação histórica do presente, já que essa interpretação deve permitir-nos atuar, ou seja, deve facilitar a direção de nossas intenções dentro de uma matriz temporal. (RÜSEN, 2010, p. 56)

Barca (2004, p.397) afirmou que “os jovens constroem o conhecimento sobre o passado por referência ao presente e com suporte em várias fontes de conhecimento, dentro e fora da escola” da mesma forma que pudemos constatar nas narrativas dos alunos aqui analisadas. Com esta constatação reforçamos a importância do trabalho com a temporalidade para a orientação da vida prática dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCA, I. Os jovens portugueses: ideias em históricas. In: *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 381-403, jul./dez. 2004 <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>
- CASTEX, Lilian Costa. *O conceito substantivo ditadura militar brasileira (1964-1984) na perspectiva de jovens brasileiros: um estudo de caso em escolas de Curitiba – PR*. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2008.
- CURITIBA. Secretaria Estadual da Educação. Diretrizes Curriculares para o Ensino de História na Educação Básica, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=98>. Acessado em: 12 out. 2010
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-53, set./out./nov./dez. 2003.
- EDWARDS, Veronica. *Os sujeitos no universo da escola*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ática, 1997.
- RÜSEN, J. Razão Histórica: teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001. _____. *O aluno como invenção*. trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- _____. *Jörn Rüsen: o ensino de história*. Schmidt, M. A./Barca, I./Martins, E. R. (org). Curitiba: Ed. UFPR, 2010.
- SACRISTÁN, J. G. *O aluno como invenção*. trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia M. F. B. Perspectivas da consciência histórica e a da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. *Tempos Históricos*, v.12, n.1, p.81-96, jan./jun. 1998.